

A relação idoso-ambiente em praças e parques: uma análise exploratória

*The elderly-environment relationship in squares and parks: an
exploratory analysis*

*La relación anciano-medio ambiente en plazas y parques: un análisis
exploratorio*

Roberto Boletti Neto
Bibiana Graeff
Maria Luisa Trindade Bestetti

RESUMO: Progressivamente, desenvolve-se a Gerontologia Ambiental como subárea deste campo interdisciplinar que é a Gerontologia. Este estudo foca a ambiência, em especial na perspectiva da pessoa idosa que frequenta parques e praças, buscando compreender o contexto social e a inter-relação pessoa-ambiente, especificamente preocupado com esse segmento populacional. Esta é uma análise que explora conceitos, teorias e estudos empíricos, considerando que a área de estudo ainda apresenta escassez de produção e de levantamento de dados. Foram obtidos resultados relativos às motivações que levam idosos a frequentarem parques e praças, tais como a prática de atividade física e a socialização.

Palavras-chave: Praças; Pessoa idosa; Gerontologia Ambiental.

ABSTRACT: *Progressively, Environmental Gerontology is developed as a sub-area of this interdisciplinary field, which is Gerontology. This study focuses on ambience, especially from the perspective of elderly people who frequent parks and squares, seeking to understand the social context and the person-environment interrelationship, specifically concerned with this population segment. This is an analysis that explores concepts, theories and empirical studies, considering that the study area still has a shortage of production and data collection. Results were obtained regarding the motivations that lead old persons to attend parks and squares, such as the practice of physical activity and socialization.*

Keywords: *Squares, Old person; Environmental Gerontology.*

RESUMEN: *Progresivamente, la Gerontología Ambiental se está desarrollando como una subárea de este campo interdisciplinario que es la Gerontología. Este estudio se centra en el ambiente, especialmente desde la perspectiva de las personas mayores que frecuentan parques y plazas, buscando comprender el contexto social y la interrelación persona-ambiente, específicamente preocupado por este segmento de población. Se trata de un análisis que explora conceptos, teorías y estudios empíricos, considerando que el área de estudio aún tiene escasez de producción y recolección de datos. Se obtuvieron resultados sobre las motivaciones que llevan a los adultos mayores a acudir a parques y plazas, como la actividad física y la socialización.*

Palabras clave: *Cuadrados; Anciano; Gerontología ambiental.*

Gerontologia Ambiental: uma introdução

A Gerontologia caracteriza-se pela necessária interdisciplinaridade para uma abordagem dos aspectos biopsicossociais do envelhecimento. Haja vista a abrangência do campo, novas subáreas têm sido identificadas para a produção e organização do conhecimento. De acordo com Batistoni (2014), a Gerontologia Ambiental diz respeito à descrição, modificação ou otimização da relação entre as pessoas idosas e seu entorno socioespacial.

A Gerontologia Ambiental, visa a atender e compreender tais demandas socioespaciais nos diversos contextos do envelhecimento, entendidos como um fenômeno heterogêneo (Batistoni, 2014).

A Gerontologia Ambiental está pautada nas condições ambientais que permitem aos idosos executarem comportamentos biológicos, sociais e psicológicos adaptativos, como os aspectos mais relevantes para envelhecer com qualidade de vida (Batistoni, 2014). Nesta subárea de estudo, o termo "sociofísico" é referido como foco de estudo, considerando as transações de um indivíduo com o ambiente físico, não somente quanto aos fatores objetivos, porém a partir de sua interpretação social, significados compartilhados e contextualização histórica (Batistoni, 2014). Assim, pesquisas sobre as relações dos idosos com seus ambientes também demandam um olhar interdisciplinar (Tomasini, 2005).

Segundo Batistoni (2014), a Gerontologia Ambiental abrange algumas temáticas que envolvem o microambiente (espaços como ambiente doméstico e privado) o mesoambiente (como os contextos institucionais) e o macroambiente (como os contextos urbanos-rurais, segurança, questões de vizinhança, acessibilidade e políticas públicas). As macroperspectivas em Gerontologia Ambiental configuram as relações entre envelhecimento e ambiente como extremamente dinâmicas, considerando as dimensões de mudanças históricas, culturais, ecológicas, de arranjos sociais e familiares e de inovação tecnológica (Batistoni, 2014).

Lawton (1989, como citado em Batistoni, 2014) destacou três funções básicas dos ambientes sociofísicos na direção do funcionamento competente para a qualidade de vida na velhice. São elas: as funções de *manutenção*, que evidenciam a importância da constância e previsibilidade do ambiente, que contribuem para que o indivíduo atribua significados e derive experiências de lar, identidade, apego e satisfação residencial; de *estimulação*, que abrangem os aspectos do ambiente que estimulam comportamentos adaptativos, como atividades sociais e de lazer, ou mesmo aqueles que reduzem ou ampliam problemas comportamentais em idosos com quadros de comprometimentos físicos/cognitivos; e de *suporte*, que dizem respeito aos aspectos do ambiente que possuem o potencial para compensar competências perdidas ou reduzidas, também chamados de "próteses ambientais".

Pode-se afirmar que, através da Gerontologia Ambiental, se averigua a ambiência para utilização do espaço construído pelo Homem, delimitando as condições de conforto e segurança, necessárias para o seu bem-estar durante o envelhecimento (Bestetti, Graeff & Domingues, 2012).

Os espaços públicos

De acordo com Paquot (2009, como citado em Moysés, 2017), no final da década de 1980 começa a surgir o termo *espaço público*, referindo-se a lugares urbanos abertos e públicos, integrando os locais comprovados como de acesso público. O espaço público:

... é importante, à medida em que tem a função de interligação entre locais (redes, caminhar, conexões), determina o modo de socialização e atua como modificador de comportamentos e de disciplina” (Pfützenreuter, 2014, como citado em Nascimento, 2019, p. 25).

As interações sociais definem a constituição histórica de espaços públicos, nos quais se reflete o desenvolvimento social, econômico e cultural de tal localidade (Cardenal, & Corona, 2018). Em espaços livres públicos, tais elementos, tais como acessibilidade, estrutura do ambiente (bancos, mesas, iluminação noturna, entre outros), estruturas para atividades (locais de caminhada, locais para atividades livres), apazibilidade (boa conservação, jardim, entre outros), estão associados ao bem-estar e à qualidade de vida dos idosos que os frequentam, favorecendo variados níveis de engajamento (Barton, 2009; Sugiyama, & Thompson, 2005, como citado em Elali, Viegas, & Silva, 2014). Os fatores morfológicos, culturais ou sociais podem ser alterados no espaço urbano ao longo do tempo, e essas alterações influenciam diferentes pessoas de diversas formas, o que pode refletir em como elas usam e se apropriam dos espaços em suas relações sociais (Gehl, 2013; Pfützenreuter, 2014, como citado em Nascimento, 2014). Para a pessoa idosa, um suporte ambiental eficiente facilita a sua permanência e a participação na vida comunitária (OPEN space Research Centre, 2010, como citado em Elali, Viegas, & Silva, 2014).

Pessoas idosas que se encontram em ambientes ou áreas de risco com múltiplas barreiras físicas não saem de casa com tanta frequência e, por este motivo, estão mais sujeitas ao isolamento, depressão, menor condição física e mais problemas de mobilidade (WHO, 2005, como citado em Elali, & Silva, 2015). Assim, é indispensável abordar as questões públicas e sociais sob a ótica da Gerontologia Ambiental, diante da necessidade de compreender e promover o uso proativo dos ambientes frequentados pelos idosos, os quais buscam uma vida saudável em suas próprias residências e comunidades (Batistoni, 2014).

Projeto Bairro Amigo do Idoso

Dentre os diversos estudos com ênfase em envelhecimento e contextos urbanos, incluem-se os que adotam como intervenção o Projeto Cidade Amiga do Idoso, proposto pela Organização Mundial da Saúde (Batistoni, 2014).

Na cidade de São Paulo, uma iniciativa inspirada no Cidade Amiga do Idoso foi implementada em 2005, no bairro Vila Clementino, e apontou resultados que possibilitam uma reflexão sobre os aspectos de ambiência percebidos pelos idosos, que podem revelar quais fatores do ambiente necessitam de melhorias, através de políticas públicas ou mudanças de atitude na convivência social (Bestetti, Graeff & Domingues, 2012). Um projeto de bairro amigo do idoso também foi implementado na Mooca e no Brás de 2015 a 2019 (Graeff *et al.*, 2019)¹. Para a sua execução, utilizou-se o Protocolo de Vancouver (WHO, 2007), cujo roteiro e recomendações permitem avaliar cidades como amigas do idoso ou não. A pesquisa é feita a partir dos oito tópicos do Guia Global da OMS, *Transporte; Moradia; Participação social; Respeito e inclusão social; Participação cívica e emprego; Comunicação e informação; Apoio comunitário e serviços de saúde; Espaços abertos e prédios* (OMS, 2008). O Protocolo de Vancouver propicia a identificação dos pontos negativos e positivos da cidade, a partir da participação ativa da população idosa e de profissionais que atuam na localidade, visando a melhorias (Porto, & Rezende, 2017). Além disso, esse documento sugere que cada cidade possa contar com, no mínimo, 5 grupos focais com idosos, cuidadores e prestadores de serviço (Bestetti, Graeff, & Domingues, 2012).

Na pesquisa realizada no Brás e na Mooca, em relação ao tópico *espaços abertos*, que engloba os temas *ambiente; espaços verdes e calçadas; bancos públicos; calçamento; e segurança*, um dos resultados comuns a ambos os bairros foi uma demanda por mais áreas verdes. Esse dado impulsionou a realização de pesquisas subsequentes para ampliar o conhecimento da relação idoso-ambiente em praças e parques. Especificamente, buscou-se identificar em publicações científicas brasileiras motivações que podem levar pessoas idosas a frequentarem praças e parques.

¹ Pesquisa apoiada pela FAPESP, auxílio regular nº 2015/08447-0, iniciada em 01/10/2015, e concluída com a aprovação do seu relatório final em 2019.

Método

Pesquisa qualitativa de natureza exploratória na literatura científica. A busca foi realizada em 2020, e os materiais levantados foram: artigos coletados em plataformas como SciELO e Biblioteca Digital USP, além de periódicos como Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, Pesquisas e Práticas Psicossociais, Revista Kairós-Gerontologia, Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Oculum Ensaio Revista de Arquitetura e Urbanismo; dissertações de mestrado, teses de doutorado e trabalho de conclusão de curso. A busca se deu por palavras-chave, tais como: gerontologia ambiental, parques municipais, ambiência, idoso e espaço público. Os critérios de inclusão foram: artigos publicados no Brasil, coletânea de artigos e capítulos de livro, todos contendo questões que envolvessem espaços públicos, ambiência, ou termos correlatos, e o idoso como referencial nos ambientes; foram excluídas pesquisas que foram realizadas fora do meio urbano. Os critérios e parâmetros de busca dos materiais foram estabelecidos de forma ampla, pois partiu-se da ideia de que, até bem pouco tempo, ainda havia poucas pesquisas de Gerontologia Ambiental no Brasil, sendo geralmente estudos provenientes da Psicologia Ambiental ou de áreas correlatas, intervenções ambientais com idosos com comprometimento físico ou cognitivo, levantamentos e análise de fatores relacionados a ocorrência e prevenção de quedas ou, ainda, compondo a análise dos determinantes ambientais da promoção de saúde (Batistoni, 2014).

Resultados e Discussão

Pode-se conceber as praças como espaços livres públicos situados em área urbana, que proporcionam ambientes de lazer e convívio (Robba, & Macedo, 2003, como citado em Elali, Viegas, & Silva, 2014).

Com base nos critérios de seleção referentes à relação pessoa-ambiente e aos motivos e fatores que influenciam a frequência de praças e parques por pessoas idosas, foram selecionados 5 estudos, os quais abordam diferentes contextos urbanos (Tabela 1).

Tabela 1. Estudos selecionados

Título do artigo/capítulo	Fonte de referência	Dados e temas tratados
Envelhecimento ativo e saudável e os espaços públicos na cidade contemporânea.	Moysés, T. G., 2017.	Acessibilidade Física; Estrutura para permanência; Atividades; Interação Social; Espaço e Bem-estar.
Percepção de idosos brasileiros sobre os fatores limitantes de interação com o espaço público: O caso das praças na cidade de Florianópolis/SC	Silva, A. V. B., Alves, F. M., & Conceição, P. S. 2018.	Perfil socioeconômico; Envelhecimento Ativo: saúde, segurança e participação social. Impressão do espaço público.
Um Oásis Urbano: Dois estudos das interações pessoa-ambiente na Praça Kalina Maia, Natal/RN	Viegas, C. C. L., & Silva, E. A. R.; & Elali, G. A. 2014.	O que acontece e onde as pessoas se dispõem; identifica os movimentos e atividades de pessoas específicas, tempo de uso.
Percepções sobre a ambiência do Parque Trianon (São Paulo - SP) e sua relação com o uso por pessoas idosas	Nascimento, M. A. S., Graeff, B., & Bestetti, M. L. T. 2017.	Observação dos usuários e equipamentos/estruturas.
Parques Geriátricos – percepções e práticas dos idosos	Bettencourt, L. F. S. 2011.	Questionário - atitudes e práticas dos idosos; Observação – práticas dos utilizadores do espaço.

Autores: Neto, Graeff, & Bestetti, 2021

A Tabela 2 apresenta os principais motivos e fatores que influenciam a frequência de determinadas praças ou parques por pessoas idosas nos estudos analisados.

Tabela 2. Motivos e fatores de influência na frequência de parques e praças

Nome do espaço e Local	Fonte de referência	Motivos
Praça Victor Civita (São Paulo/SP)	Moysés, T. G., 2017.	Lazer (atividade física, tomar sol e apreciar o dia), 63%; Caminho de casa, 17%; Atividades sociais (encontrar conhecidos e fazer amizades, 8,6%.
Parque Linear Cantinho do Céu (São Paulo/SP)	Moysés, T. G., 2017.	Atividade física, 80%; Atividades sociais, 11%; Caminho de suas rotinas, 9%.
Praça XV de Novembro e Praça Getúlio Vargas (Florianópolis/SC)	Silva, A. V. B., Alves, F. M., & Conceição, P. S., 2018.	Insatisfação pela segurança pública; Insatisfação pelos serviços prestados pelo Estado; Acessibilidade ruim nas vias às praças.
Praça Kalina Maia (Natal/RN)	Viegas, C. C. L.; Silva, E. A. R., & Elali, G. A., 2014.	Lazer esportivo 40% a 49,9%; Lazer cultural 10% e um ambiente facilitador/positivo.
Parque Trianon (São Paulo/SP)	Nascimento, M. A. S., Graeff, B., & Bestetti, M. L. T., 2017.	Intergeneracionalidade e diversidade; Oportunidades de socialização e engajamento com a comunidade; Empecilho aos idosos: hostilidade ao acesso.
Parque Geriátrico de Cacia e Parque Geriátrico da Gafanha da Nazaré (Aveiro/Portugal).	Bettencourt, L.F.S., 2011.	Saúde, 66,7%; Aptidão física, 63,3%; Liberação de energia/stress, 40%. Observações - positivas e idosos incentivados por famílias.

Autores: Neto, Graeff, & Bestetti, 2021

Para contemplar a temática deste trabalho, também foram considerados alguns indicadores do *checklist* proposto pelo Guia Mundial Cidade Amiga do Idoso (OMS, 2008) nos resultados do trabalho de conclusão do curso de Gerontologia EACH USP, “Caminhabilidade no bairro da Mooca a partir das percepções dos idosos participantes do Projeto Bairro Amigo do Idoso” (Abreu, 2018), e o relatório final da pesquisa “A estratégia do Bairro Amigo do Idoso aplicada aos bairros do Brás e da Mooca: ambiência e construção da cidade para o envelhecimento ativo”.

Em sua pesquisa, Abreu (2018) verificou *in loco*, nos parques e praças pesquisados no bairro da Mooca, que a condição das ruas e calçadas nesses locais era a mesma relatada pelos idosos que participaram dos grupos focais da pesquisa Bairro Amigo do Idoso naquele bairro. Na região ao redor do parque da Mooca, foi encontrado por Abreu (2018) um alto número de pessoas em situação de rua presentes nas praças. Pelo que foi captado nos grupos focais na pesquisa Bairro Amigo do Idoso, alguns moradores da Mooca podem se sentir retraídas a usufruírem desses espaços devido à presença de pessoas em situação de rua, afetando o interesse por caminhadas no local. Abreu (2018) aponta que, no que se refere à caminhabilidade, a cidade está voltada para atender as demandas dos automóveis e, dessa forma, a manutenção ideal para outros usos deixa a desejar, gerando problemas estruturais, tais como a questão das calçadas, que pode acabar prejudicando a frequência de parques e praças.

O Projeto Bairro Amigo do Idoso Brás e Mooca levantou vários pontos a serem analisados e estudados, tanto com os itens do *checklist*, como orienta o protocolo de Vancouver, como também com outras perspectivas que contemplam as pesquisas de cunho gerontológico. No tópico Espaços Abertos, foram analisados os seguintes itens: *espaços verdes*; *banheiros públicos*; *calçamentos*; *segurança*; *bancos públicos*, cujos resultados serão expostos a seguir.

No bairro da Mooca, sobre os *espaços verdes*, alguns participantes reconhecem que há parques, mas vários grupos focais sinalizam a falta de áreas verdes como uma limitação do bairro. Um parque citado pelos participantes foi o da SABESP, conhecido também como Caixa d’água, lembrado em diversos grupos focais de forma positiva, por ser um parque conservado e por ter uma boa iluminação (com a ressalva de que, em outros grupos focais, houve relatos negativos, como a falta de segurança e a falta d’água no parque). Outro levantamento que os participantes apontaram em mais de um grupo focal foi relacionado ao paisagismo do ambiente, pois propuseram plantar árvores ou flores nas ruas. Sobre *bancos públicos* como mobiliário urbano, tanto os moradores idosos do bairro quanto os profissionais apontaram a insuficiência de bancos públicos.

Esse ponto foi verificado em alguns grupos focais, que concordaram que há bancos e cobertura em alguns pontos de ônibus; outros relatam que os bancos são ocupados por pessoas dormindo, referindo-se aos moradores de rua, ressaltando a falta de limpeza desses bancos. O *calçamento* foi apontado de forma negativa, sendo uma barreira, portanto. Tal apontamento surgiu em todos os grupos focais, pois as calçadas ruins são um motivo que leva as pessoas a não saírem de casa. São diversos os problemas levantados em relação às calçadas, tais como os desníveis, a falta de uniformidade, as raízes das árvores que desregularam o nível da calçada, sugerindo a ineficiência do poder público para a fiscalização da manutenção das vias públicas. Quanto à *segurança*, idosos e profissionais salientaram que o bairro é tranquilo, com baixo índice de criminalidade, em comparação com outros bairros, e houve concordância de que a iluminação do bairro é boa. Locais citados como bons exemplos foram o Parque SABESP e a região da Paes e Barros. Além disso, outro fator positivo em relação a esse indicador, citado em vários grupos focais, foi a presença do Conselho de Segurança do bairro (CONSEG), no qual haveria muitos participantes idosos. A falta de *banheiros públicos* foi levantada em vários grupos focais. Além disso, não há boa manutenção nos banheiros, e o mau uso dos mesmos por parte da comunidade. Participantes apontaram que não há o devido cuidado com os banheiros do Parque da SABESP e do Parque da Prefeitura Regional da Mooca. Em relação às questões da acessibilidade e da sinalização, não houve menção ou expressiva concordância entre os participantes. A caminhabilidade no bairro da Mooca exige uma atenção maior em prol dos idosos e, atendendo-se a essa demanda, provavelmente poderá aumentar o número desses usuários no parque da Mooca.

No Brás, em relação a *espaços verdes*, os participantes lembraram positivamente do Parque Benemérito Brás, mas mostraram como fator negativo à falta de segurança, devido, segundo os mesmos, à suspensão do contrato do serviço de segurança que operava no local. Assim como na Mooca, os participantes de outro grupo focal salientaram a necessidade do plantio de árvores nas ruas e de mais áreas verdes. Acerca dos *bancos públicos*, foi relatado que faltam tais mobiliários urbanos, e que os existentes são depredados constantemente. Em relação ao *calçamento*, também no Brás houve em todos os grupos focais falas negativas quanto à situação das calçadas. Sobre obstáculos que dificultam a passagem pelo calçamento, os participantes manifestaram que os pedestres são obrigados a circular no meio da rua, o que pode ser um risco de acidentes.

Quanto à *segurança*, esse indicador foi correlacionado aos assaltos, o que foi consensual, especialmente quanto à insuficiência de iluminação e à falta de segurança no Parque Benemérito Brás por causa do encerramento de um contrato de segurança, que já teria sido renovado. Em relação aos *banheiros públicos*, houve relatos sobre a falta destes equipamentos. De forma geral, em relação aos indicadores da manutenção, da acessibilidade e da sinalização dos banheiros, não houve debates ou expressiva concordância entre os participantes. Em contrapartida, a utilização de banheiros de lugares privados apareceu como sugestão com expressiva concordância entre os participantes.

Ainda no bairro da Mooca, sobressaíram pontos negativos em relação aos idosos não frequentarem o Parque da Mooca, e os fatores apontados foram relacionados ao caminho até chegar ao local desejado. Já no Brás, ressalta-se a barreira da insegurança relacionada ao medo de assaltos. As calçadas não são amigáveis aos idosos, não somente por conta dos desníveis, mas também em função da obstrução por lixo ou por vendedores ambulantes. Há queixas sobre a falta de áreas verdes e de banheiros e bancos. Há queixas sobre acessibilidade de prédios, destacando-se a barreira das escadarias e da falta ou do funcionamento precário de elevadores. De um modo geral, os indicadores sobre espaços abertos e prédios são mais atendidos na Mooca do que no Brás.

Segundo Bestetti, Graeff e Nascimento (2017), no estudo realizado através de uma pesquisa *in loco* a partir de uma observação simples dos usuários no Parque Trianon em São Paulo, aspectos positivos observados para a frequência do mesmo foram a intergeracionalidade e a diversidade de usuários que frequentam o parque, isso parecendo ser relevante para o grupo de idosos, por terem mais oportunidades de socialização e engajamento com a comunidade. Notamos que nesta pesquisa há uma outra perspectiva em relação aos outros trabalhos aqui apresentados, pois está voltada mais para a socialização, o que difere das outras, onde se notou um maior interesse dos usuários por atividades físicas como primeiro motivo, sendo a socialização um motivo secundário. O que pode justificar essa característica do Parque Trianon é que o quesito calçamento foi apontado como algo negativo, o que pode gerar uma desmotivação de fazer caminhadas pelo parque ou, até mesmo, de frequentá-lo.

No estudo de Moysés (2017), foram pesquisados dois parques, ambos na cidade de São Paulo. Na Praça Victor Civita, o lazer (atividade física, tomar sol e apreciar o dia) foi a maior motivação para as pessoas idosas frequentarem seus espaços, com 63% das respostas. Já no Parque Linear Cantinho do Céu, a atividade física ocupou 80% das respostas, sendo um dos maiores motivos para a frequência do mesmo.

No estudo de Elali e colaboradores (2014), realizado na Praça Kalina Maia, Natal, RN, o fator lazer esportivo representou entre 40% a 49,9% das respostas como o mais relevante dentre outros fatores para a frequência do espaço. Vale ressaltar que, para os idosos, também foi mencionada a caminhabilidade pelo parque; portanto, a atividade física está bem representada nos resultados deste estudo. Além disso, o parque possui uma estrutura adequada, um fator importante para que os idosos possam frequentar o espaço. Comparando-se com outros estudos aqui levantados, como os próprios idosos já relataram, a falta de uma infraestrutura adequada, como calçadas e pavimentação com boa funcionalidade, os impede de saírem de casa para frequentarem os espaços públicos.

Em estudo realizado em Portugal sobre os parques geriátricos, Bettencourt (2011) trabalhou nessa vertente de percepções e práticas dos idosos, sobressaindo como motivos mais relevantes para a frequência dos espaços, em primeiro lugar, saúde com 66,7% das respostas e, em segundo, aptidão física com 63,3% das respostas. Diante do que já foi apresentado nessa revisão, é notório que esses dois fatores, advindos de um estudo na Europa, reforçam os resultados observados nos outros estudos realizados no Brasil. Podemos refletir que, em diferentes contextos sociais, culturais e históricos, apesar da heterogeneidade, os idosos usuários dos espaços públicos se identificam com a mesma motivação em frequentarem parques e praças.

Considerações Finais

Visto que neste ramo de estudo há poucas pesquisas empíricas, existe uma falta de instrumentos, protocolos e indicadores generalistas que possam ser utilizados em diferentes contextos. O Brasil, como outros países em desenvolvimento ainda precisa focar-se mais nas questões do ambiente sociofísico e seu impacto nas relações sociais na velhice (Nascimento, 2019).

Neste estudo, a partir de algumas pesquisas apresentadas, pode-se observar quais as principais motivações de pessoas idosas em frequentarem parques e praças. Podemos compreender que os principais motivos estão relacionados à prática de atividade física e à socialização, respectivamente.

O envelhecimento é um fenômeno bastante complexo e acontece de maneira multidimensional e, portanto, qualquer intervenção que foque o aumento da qualidade de vida dos idosos requer uma visão interdisciplinar (Bestetti, Graeff, & Domingues, 2012).

Ampliar o conhecimento da relação idoso-ambiente, na ótica biopsicossocial, permite adentrar no campo da Gerontologia Ambiental, a qual permite analisar outras nuances do envelhecimento. Além disso, possibilita a compreensão de idosos inseridos em diferentes contextos socioculturais, diante das respectivas ambiências em espaços públicos, construídos e transformados pelo Homem.

Referências

- Abreu, A. (2018). *Caminhabilidade no bairro da Mooca a partir das percepções dos idosos participantes do projeto Bairro Amigo do Idoso*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Gerontologia, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo.
- Batistoni, S. S. T. (2014). Gerontologia Ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 17(3), 647-657. Recuperado 30 março, 2021, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13088>.
- Bestetti, M. L.T., Graeff, B., & Domingues, M. A. (2012). O impacto da urbanidade no envelhecimento humano: o que podemos aprender com a estratégia Cidade Amiga do Idoso? *Revista temática Kairós-Gerontologia*, 15(6), 117-136. Recuperado em 30 março, 2021, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17290/12830>.
- Bestetti, M. L. T., Graeff, B., & Nascimento, M. A. S. (2017). *Percepções sobre ambiência do parque Trianon (São Paulo, SP) e sua relação com o uso por pessoas idosas*. São Paulo, SP: Portal Edições.
- Bettencourt, L. F. S. (2011). *Parques Geriátricos - percepções e práticas dos idosos*. Aveiro, Portugal. Recuperado em 30 março, 2021, de: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/7777/1/242844.pdf>.
- Cardenal, J. C., & Corona, H. M. P. (2018). *Praça Presidente Vargas: relação entre espaço público e atores sociais*. Belo Horizonte, MG: Poisson.
- Elali, G. A., & Silva, E. A. R. (2015). O papel das praças para o envelhecimento ativo sob o ponto de vista dos especialistas. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 10(2), 382-396. Recuperado em 30 março, 2021, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082015000200014.
- Graeff, B. (2014). A pertinência da noção de ambiências urbanas para o tema dos direitos dos idosos: perspectivas brasileiras. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 17(3), 661-625. Recuperado em 30 março, 2021, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13081>.
- Graeff, B., Bestetti, M. L. T., & Nascimento, M. A. S. (2019). Lifelong Learning: Perceptions Collected through the “Age-friendly Cities” Method in the Neighborhood of Mooca, São Paulo (Brazil). *Springer Nature*, 42, 41-68. Recuperado em 28 junho, 2021 de: <https://doi.org/10.1007/s40955-018-0124-6>.
- Moysés, T. G. (2017). Envelhecimento ativo e saudável e os espaços públicos na cidade contemporânea. Dissertação de mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP. *Oculum Ensaios, Revista de Arquetetura e Urbanismo*, 16(3), 543-561. Recuperado em 30 março, 2021, de: <http://dx.doi.org/10.24220/2318-0919v16n3a4280>.

Nascimento, M. A. S. (2019). Do velho para o novo: percepções de idosos sobre o processo de *studentifications*, as mudanças sociofísicas do bairro e o *aging in place*. *Biblioteca Digital USP*, Recuperado em 30 março, 2021, de: <https://doi.org/10.11606/D.100.2019.tde-20052019-152835>.

Porto, A. F., & Rezende, E. J. C. (2018). O Guia Global da Cidade Amiga do Idoso: Sustentabilidade e Contribuições do Design. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, UFPEL: *Revista CHAPON, Cadernos de Design*, 1(1), 1-17. Recuperado 30 março, 2021, de: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/CDD/article/view/12702/0>.
file:///C:/Users/Dados/Downloads/12702-54536-1-PB.pdf.

Tomasini, S. L. V. (2005). Envelhecimento e planejamento do ambiente construído: em busca de um enfoque interdisciplinar. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 2(1), 77-88. Recuperado em 05 abril, 2021, de: <https://doi.org/10.5335/rbceh.2012.22>.

Viegas, C. C. L., Silva, E. A. R., & Elali, G. A. (2014). Um Oásis Urbano: dois estudos das interações pessoa-ambiente na Praça Kalin a Maia, Natal, RN. *Psico*, 45(3), 305-315. Recuperado em 30 março, 2021, de: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.3.17927>.

WHO. World Health Organization (2007). *WHO age-friendly cities project methodology: Vancouver Protocol*, Geneva, Suisse: WHO. Recuperado em 30 março, 2021, de: https://www.who.int/ageing/publications/Global_age_friendly_cities_Guide_English.pdf.

Recebido em 26/08/2021

Aceito em 30/09/2021

Roberto Boletti Neto – Gerontólogo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, EACH-USP.

E-mail: neto_boletti@hotmail.com

Bibiana Graeff – Prof.^a Dr.^a Curso de Gerontologia, Escola de Artes, Ciências e Humanidades Universidade de São Paulo, EACH-USP.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7324-7491>

E-mail: bibiana.graeff@usp.br

Maria Luisa Trindade Bestetti – Prof.^a Dr.^a Curso de Gerontologia, Escola de Artes, Ciências e Humanidades Universidade de São Paulo, EACH-USP.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5748-1974>

E-mail: maria.luisa@usp.br